

PEDRO NAVA, LEITOR DE DRUMMOND: A MEMÓRIA, OS RETRATOS, A LEITURA

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães*

RESUMO:

O narrador das Memórias de Nava é leitor de Drummond e arquivista de retratos. Os procedimentos de leitor e arquivista interferem na composição dos personagens das Memórias. O narrador apresenta-os, representa-os e traça-os literariamente a partir de retratos arquivados e de textos literários lidos, deglutidos e transformados em novos traços.

PALAVRAS-CHAVE: *memória, leitura, autobiografia*

Na obra memorialística de Pedro Nava são incontáveis os artistas incorporados ao texto pelo narrador. Ler Pedro Nava é ler, também, outros autores. A partir desse princípio, fizemos um levantamento quantitativo e qualitativo das citações feitas em *Memórias*. Nesse levantamento, percebemos que, em diversas situações, o retrato aparece como estimulador da escrita e revelador da lembrança. Esses dois aspectos imediatamente verificáveis em quaisquer dos volumes de *Memórias* estimularam-nos a analisar o narrador como leitor e como arquivista. Essas duas características do narrador orientam nossas reflexões neste trabalho. Trata-se de uma análise da forma como o narrador de *Memórias* relaciona os processos de escolha de retratos e de textos literários para a composição de seus personagens.

O que nos interessa é, prioritariamente, a composição do personagem Carlos Drummond, realizada pelo narrador a partir dos poemas e das crônicas desse escritor e dos seus retratos arquivados. Verificamos, ainda, se a imagem construída pelo narrador de Pedro Nava confere com aquela construída pelo poeta itabirano sobre si, em sua obra, e quais as conseqüências do processo escolhido por Nava na composição de *Memórias*.

* Mestre em Literatura Brasileira, 1999.

CARLOS – PERSONAGEM DE PEDRO

Pedro Nava é um narrador que olha, restaurando, para superar a incômoda sensação de incompletude. Com esse olhar, Nava lê, vê e escreve Carlos Drummond de Andrade – cria, assim, um personagem do seu passado. O narrador, leitor de Drummond, traz para suas lembranças os pedaços de leitura que, como mosaico, formam a imagem do poeta.

O processo de construção da imagem do poeta Carlos Drummond de Andrade por Pedro Nava obedeceu a um ritual que se repete na edificação de outros personagens. Esse procedimento segue, a nosso ver, os seguintes passos: as fotografias são escolhidas pelo narrador; a partir delas, constrói-se uma primeira imagem do poeta; a seguir, outros aspectos, que não aparecem registrados pela fotografia, vão sendo acrescentados a ela. Esses novos aspectos baseiam-se na experiência vivida pelo narrador com os personagens que escolheu desenhar. No caso de personagens escritores, o narrador recorre à obra literária deles, à crítica literária sobre eles e às emoções proporcionadas pela leitura de sua obra.

O narrador de *Memórias* serve-se da fotografia para aguçar a memória e, ao descrevê-la, retoma a pose e a posse do passado, presentificando-o. Portanto, o narrador se dispõe a lembrar de seu passado munido da experiência e das fotografias conservadas ao longo do tempo: "Rememoro o Carlos Drummond desta fabulosa década de 21 a 30 pela sucessão fotográfica de sua imagem na memória e por quatro retratos que conservei" (Nava, 1985: 171).

Essas fotografias, até então silenciosas peças de museu, vão ganhando outra vida através das palavras:

O primeiro [retrato], de 24 ou 25, mostra um moço menos magro que o adulto, ar rápido como se quisesse sair depressa do raio da objetiva da máquina, colarinho duro, roupa escura, os óculos de sempre, a cabeleira basta meio fofa no seu castanho. O segundo já o representa mais magro, colarinho de ponta virada, jaquetão de cerimônia, na tarde de sua colação de grau. (...) O terceiro é do tempo de sua volta para Belo Horizonte. A mesma cabeleira frouxa, a face descarnada, a boca bem desenhada meio encoberta pelos bigodes da época. O quarto representa-o sentado, na fila em frente do grupo que fizemos no *Automóvel Clube* de Belo Horizonte, na noite memorável do banquete que lhe oferecemos por motivo da publicação de *Alguma Poesia* (Nava, 1985: 171).

As fotos escolhidas seguem uma rigorosa sucessão temporal. Tal fato é percebido não só pelas datas e pelos acontecimentos referidos como também pela alusão à magreza do personagem. O emagrecimento corresponde ao passar do tempo e à aproximação da vida adulta.

A essas características físicas, e perceptíveis nos quatro retratos conservados, o narrador acrescenta o que foi apreendido pela experiência vivida com aquele personagem, o que a fotografia não capta. Alinhava, portanto, a experiência de vida aos quatro retratos escolhidos.

Desse alinhavo, surge o desenho de um Drummond "de magreza contundente", "moço de cabeça bem posta", "face muito magra", "expressão geralmente séria: sorriso esboçado ou gargalhada explosiva", "reservado", "verecondioso", "ar de orgulhosa modéstia".

Essas características físicas e comportamentais vêm combinadas com o desenho da voz do poeta itabirano, aspecto que a fotografia não capta: "Apesar de ouvir mais do que falava, quando o fazia, era num jeito uniforme, sem elevar muito a voz substituindo isto - quando queria ser mais preciso ou convincente - pela rapidez com que atropelava as palavras de sua frase" (Nava, 1985: 171).

Para o narrador de *Memórias*, o retrato manchado pelo tempo colabora para construir a figura do poeta como mestre. Observa a pose, redesenha, pela palavra, o instante em que ela - a foto - foi feita. Respira a aura daquele momento. Admira o poeta e ouve ecoar ao longe, nas lembranças, as sugestões de leitura feitas pelo amigo.

Em *Beira-Mar*, o poeta itabirano é apresentado por Pedro Nava como aquele que lidera o grupo de amigos, principalmente no aspecto intelectual. Nava apresenta-o como autodidata, instintivo na descoberta dos bons autores, leitor contumaz. O memorialista ratifica, assim, a posição que Drummond já ocupava no cenário da literatura. Nava assume a condição de liderado por Drummond, apresentando-se, de certa forma, como seu discípulo.

Esse poeta não foi desenhado, porém, somente a partir da experiência vivida e das fotografias que dele restaram nas mãos do narrador: a obra do poeta ecoa insistentemente na memória do narrador-leitor, a poesia de Drummond, tal como os retratos, está presente no processo de construção de *Memórias* de Pedro Nava.

O personagem Carlos Drummond de Andrade de Pedro Nava é, também, composto a partir da leitura de seus livros.

Em *Chão de Ferro*, o narrador conta que concluiu o curso médio no Rio de Janeiro e volta a Minas Gerais. Ressente-se dessa mudança. No capítulo intitulado "Rua da Bahia", ele narra sua readaptação a Minas Gerais, especificamente a Belo Horizonte. Será o momento de construir sua identidade mineira, resgatar convivências, recuperar detalhes de outros tempos. O guia para a conquista dessa identidade mineira será Carlos Drummond de Andrade: o conhecido poema "No meio do Caminho" abre o capítulo "Rua da Bahia".

A pedra no meio do caminho expressa a sensação de ser estrangeiro em Minas e a necessidade de voltar a conviver com os "oitenta por cento de ferro nas almas" dos mineiros. Será gradual o amalgamento do menino do Pedro II à Serra do Curral: o reencontro com os amigos, com os falares mineiros de formas múltiplas e consistências variadas; o retorno vagaroso à "catoliquêrrima" Minas do crime e do castigo, do prêmio e da virtude; o reencontro com a política do favorecimento, do silêncio e dos desmandos dos coronéis. Sofrerá no seu corpo de mineiro as discriminações dos poderosos contra os mais pobres e conviverá com os "noventa por cento de ferro nas calçadas", com os "oitenta por cento de ferro nas almas" e, assustado, reclamará do poeta: "Só? Carlos, ou você errou a proporção e às vezes a coisa vai até à saturação dos cem por cento" (Nava, 1976: 344.).

É assim, com versos de Carlos Drummond de Andrade, que o narrador vai retratando a convivência com a Minas de ferro nas calçadas e nas almas. Os tropeços na pedra do meio do caminho vão-se incorporando ao menino e encorpando o adolescente, transformando-o em montanhas:

Aquela minha incorporação à natureza da cidade, do bairro, eram parte duma espécie de noviciado mineiro que, como o sacerdotal, suprimindo a vida fora da Igreja, ia jogando meus cinco anos de Rio e Pedro II para um passado extraordinariamente remoto (Nava, 1985: 75).

É, também, através da palavra de Carlos Drummond que o narrador relata a lembrança da iniciação sexual dos meninos mineiros que "descem" Bahia e vão aos bordéis encontrar mulatas como Rosa no seu sábado inaugural: "Alta e pujante mulata, cinquenta por cento de carne curtida no eito, cinquenta por cento de sangue dos navegadores" (Nava, 1985: 57).

Drummond, personagem de Pedro, é simples, forte, de ferro. Bom poeta e prosador, líder de um grupo de jovens modernistas na Belo Horizonte da década de 20, audacioso, desrespeitador do consentido e do consagrado. É sério, reservado, verecondioso, leitor contumaz. Drummond é o poeta e prosador que traz, para Nava, as palavras mágicas anunciadoras de momentos importantes, tais como o sofrimento com a morte do pai, os obstáculos na adaptação a Minas, a convivência conflituosa com a religião, a delícia da pornografia, a frenética iniciação sexual e a convivência com os amigos. O poeta é aquele, portanto, que tem a palavra perfeita para legendar os retratos da memória. Este poeta do pico do Cauê se entrelaça nas *Memórias* de Pedro, torna-se tecido, textura, texto-imagem.

DRUMMOND GRAFA DRUMMOND

Paralelamente à leitura que Nava faz de Drummond, o próprio poeta constrói sua imagem. Se percorrermos a extensa obra do poeta de Itabira, notaremos que aquela imagem de Drummond que Nava desenhou, baseando-se em seus primeiros livros, será modificada por Drummond em alguns de seus poemas e algumas de suas crônicas, ou ainda em entrevistas concedidas a diferentes jornalistas.

Podemos exemplificar essa diferença com textos como as crônicas "Auto-Retrato" e "Autobiografia para uma Revista", o livro *Uma Pedra no Meio do Caminho*: biografia de um poema e os poemas "Enigma", "Legado" e "Dados Biográficos". Nesses textos, o itabirano denega a condição de poeta inigualável e explicita os defeitos que considera ter como escritor, ao mesmo tempo que se dedica a comentar sua própria obra.

Carlos Drummond de Andrade constrói uma imagem de poeta que luta com as palavras e tem dificuldade de achar o verso. O poeta utiliza, como recurso narrativo, de sua imagem refletida no espelho para ironizar a crítica e a imagem pública construída com seu nome. Aproveita para minimizar a importância de sua obra poética para a literatura brasileira. A imagem do poeta forte, firme, consistente, erigida

pelo narrador Nava, não é confirmada pelo espelho: "Diz o espelho: O sr. Carlos Drummond de Andrade é razoável prosador que se julga bom poeta, no que se ilude." (Drummond, 1989: 13). O espelho apresenta um poeta defeituoso: "sobram-lhe os seguintes defeitos: é estropiado, antieufônico, desconceituoso, arbitrário, grotesco e tatibitate" (Drummond, 1989: 13).

A figura de poeta estabelecida por este narrador drummondiano cumpre um ritual de destruição. Transforma o poema, símbolo do modernismo brasileiro e objeto de uma das grandes polêmicas literárias daquela época, em um simples "pequeno fato literário".

O sr. Drummond de Andrade passa por ser o autor de um poema (?) ou que melhor nome tenha, a que deu o título 'No meio do caminho'. Essa produção corre mundo e é considerada ora obra de gênio ora monumento de estupidez. (...) Com efeito quem se der ao trabalho de examinar-lhe o texto verificará que se trata tão-somente da repetição, oito vezes seguidas, dos substantivos 'meio', 'caminho' e 'pedra', ligados por preposições, artigos e um verbo. Não há nisso poema algum, bom ou mau (Drummond, 1989: 13).

Além de se apresentar como poeta estropiado, em obras posteriores àquelas escolhidas por Nava, verificamos que o papel de líder e mestre não é declaradamente cultivado pelo poeta. Em entrevista à professora Maria Zilda Ferreira Cury, o poeta afirma que não leva a sério essa liderança que os amigos de sua época lhe outorgam. Ele continua desfazendo a imagem de homem "preparado" e "culto": "Eu era o menos informado, o mais inculto dos rapazes de Minas e, ao mesmo tempo, era o mais audacioso" (Cury, 1998: 139-165).

O poeta, portanto, considera-se audacioso tal como Nava o retrata, mas não assume o papel que lhe é atribuído pelo amigo memorialista. Em suas apreciações, Drummond explicita que é um poeta execrado e idolatrado, compreendido e incompreendido, que tem amigos e inimigos, desinformado, pouco culto, vadio e namorador. Nesses aspectos sua imagem não confere com a que foi largamente difundida em *Memórias*. Nava desenha e idealiza Drummond, descreve-o como um ser idolatrado, compreendido, reconhecido, imitado, amigo e audacioso.

A FIGURAÇÃO PELA DESFIGURAÇÃO: RESULTADO DA LEITURA

Durante nosso estudo, observamos que Nava insiste em utilizar procedimentos capazes de compor todos os traços possíveis de seus personagens. Tenta fazer com que as vozes emudecidas pelo tempo voltem a falar, os espaços outrora freqüentados voltem a existir, os companheiros de estudo e brincadeiras retornem ao universo particular do memorialista, através de um álbum de fotografias.

Drummond, por sua vez, não se preocupa em decifrar os personagens, recompor lugares, reviver aqueles seres já imobilizados pela fotografia. Os rostos, inclusive o seu próprio, na medida em que vão sendo escritos, vão se desmanchando. As faces drummondianas são fugazes, evanescentes, fugidias. Contrariamente a Drummond, em Nava, os rostos dos amigos vão sendo restaurados.

Antônio Sérgio Bueno vê, na figuração, uma das três categorias fundantes e estruturantes de *Memórias*. Acreditamos que esse fato seja um dos aspectos que diferenciam a escrita de Nava e Drummond. Ao compor sua "prosa plástica", Nava transpõe imagens (ou lugares, como nos diz Bueno) para a edificação textual de sua obra. As imagens representam um dos alicerces do monumento verbal que se edifica.

A respeito de Drummond, Antonio Candido observa no artigo "Inquietudes na Poesia de Drummond":

E a poesia parece desfazer-se como registro para tornar-se um processo, justificado na medida em que institui um objeto novo, elaborado à custa da desfiguração, ou mesmo destruição ritual do ser e do mundo, para refazê-los no plano estético (Candido, 1981: 95).

São, portanto, procedimentos diferentes: enquanto Nava opta pela figuração, Drummond escolhe a desfiguração. Enquanto Nava está à procura de tudo o que se assemelha ao personagem que vem sendo construído – retratos, textos literários, desenhos, imagem da memória –, Drummond constrói os personagens como "objetos novos", refeitos no plano estético. Drummond, como observa Oliveira, apresenta seus personagens como:

Presença na ausência, a sua vaga e férrea matéria movimenta-se em finas penumbras e mergulha em coisa nenhuma, na precariedade e no provisório. Fadado a desfazer-se, o corpo dos homens e mulheres da iconografia drummoniana só se mantém porque ele próprio torna-se papel, linguagem, memória (Oliveira, 1991: 80).

Embora Nava incorpore, degluta, devore e tente transpor completamente a obra de Drummond para suas *Memórias*, as marcas da sutura permanecem, sobretudo pela diferença que há entre um e outro, no trato com a lembrança. Enquanto Carlos Drummond de Andrade imprime a dissolução e a desintegração das palavras, dos ritmos, dos tempos, das métricas, proporcionando a decomposição completa do passado, estilizando-o, Nava está ocupado em escrever, desenhar, reescrever, fotografar, de forma a recompor o passado, agregar os diferentes pedaços, colá-los, recompor o mosaico da memória.

Essa diferença de procedimento narrativo e a exaustiva inclusão de Drummond na obra do memorialista geraram, em *Memórias*, um grande paradoxo: a figurabilidade alcançada mesmo quando se utilizam textos literários que se pautam pela desfiguração. Isso se torna possível pela forma como o memorialista executa esse procedimento. Conhecendo as obras que cita, tendo-as deglutido uma a uma, devolve-as transformadas, conseguindo realizar uma escrita completamente diferente daquela que teve como modelo. Nava faz, portanto, da leitura, a forma preferencial de composição poética. As citações feitas no texto de Nava, ao mesmo tempo que compõem a textura de suas *Memórias*, são fragmentos da obra do autor citado. E, se isso é procedimento desejado, pensado, refletido, o narrador compõe suas *Memórias* conscientemente convicto de que elas já são, por serem memória, um mosaico de imagens, de obras literárias, de lembranças. O narrador quer resistir à perda do passado, por isso edifica um monumento verbal e, paradoxalmente, percebe que ainda assim tem em suas mãos, ruínas. Esse monumento é seu grito de agonia, seu imortal soluço de vida.

ABSTRACT:

The narrator in Nava's memoirs is a reader of Drummond as well as an archivist of portraits. The reader and the archivist interfere in the creation of the characters in the memoirs. The narrator introduces the characters, represents and sketches them literarily, from archived portraits and literary texts, read and transformed.

KEY WORDS: *Memoirs, lecture, autobiography.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Carlos Drummond de. *Auto-retrato e outras crônicas*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

Andrade, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

Bueno, Antônio Sérgio. *Vísceras da Memória* : Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

Candido, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

Cury, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Nava, Pedro. *Chão de ferro* – Memórias III. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Nava, Pedro. *Beira-mar* – Memórias IV. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

Oliveira, Silvana Maria Pessôa. *Requiem para um sujeito: a escrita da memória em Boitempo de Carlos Drummond de Andrade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1991. (Dissertação de mestrado, inédita)